

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO CIVILIZADOR NOS NÍVEIS HISTÓRICO, SOCIAL E INDIVIDUAL¹

Reflections on the civilizing process in

historical, social and individual levels

Reflexiones sobre el proceso de civilización en

niveles históricos, sociales e individuales

Célio Juvenal Costa²

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão acerca do ser humano e suas distintas relações. Para tal, nos limites dos objetivos formais do presente trabalho, faz-se uso da teoria de Norbert Elias sobre o assunto, teoria que é expressa, principalmente, em dois textos: *Sobre seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos*, do próprio Elias, e *O processo civilizador e a domesticação do fogo* de J. Goudsblom. É um exercício de leitura histórica do ser humano, procurando seguir a metodologia proposta por Goudsblom de salientar que o processo civilizador se dá em três níveis. Assim, o texto também tem três partes correspondentes: na primeira apresenta-se o nível histórico, destacando, para tanto, o fogo e a formação do homem como ser que se fez social; na segunda, apresenta-se como estudo do nível social o exemplo de Aristóteles e sua reflexão do ser humano enquanto ser político e arauto do processo civilizador; e, na terceira parte, como apreensão do nível individual, propõe-se a leitura de Gilberto Freyre, particularmente *Casa-Grande e Senzala*, procurando mostrar que o processo civilizador não pode ser visto de forma teleológica, utilizando como parâmetro o já famoso termo freyriano do processo sivilizador que ocorreu no Brasil. Fundamentalmente, o que se procura é realizar uma reflexão que nunca perde de vista algo muito importante na área da educação: o homem enquanto um ser que se fez e se faz historicamente.

Palavras-chave: Educação. Norbert Elias. processo civilizador.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the human being and their various relationships. To do this, within the limits of the formal objectives of this work, makes use of the theory of Norbert Elias on the subject, a theory that is expressed mainly in two texts: *About human beings and their emotions: an essay from the perspective of sociology processes*, of Elias himself, and the *Civilizing process and the domestication of fire*, writhing by J. Goudsblom. It is an exercise in historical reading of the human being, trying to follow the methodology

¹ Texto originalmente escrito para o VI Simpósio Internacional Processo Civilizador, ocorrido em 2001, constando dos anais do evento. Algumas modificações foram realizadas para a publicação nesta Revista.

² Professor do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduado em Filosofia (PUC/PR); mestre (UEM) e doutor em Educação (Unimep). Participa do grupo de pesquisa Educação, História e Cultura: Brasil, séculos XVI, XVII e XVIII.

proposed by Goudsblom noteworthy that the civilizing process takes place on three levels. Thus, the text also has three corresponding parts: first present the historical level, highlighting for both the fire and the formation of man as a social being who did; the second part is presented as a study of the social level the example of Aristotle and its reflection of the human being as a political and herald of the civilizing process; and the third and last part, as the seizure individual level, it is proposed to reading Gilberto Freyre, particularly *Casa-Grande e Senzala*, trying to show that the civilizing process can not be seen from teleological manner, using as a parameter the now famous term made by Freire, sivilizador the process that occurred in Brazil. Fundamentally, what is sought is to perform a reflection that never loses sight of something very important in education: the man as a being made and makes yourself historically .

Keywords: Education. Norbert Elias. civilizing process.

RESUMEN

El artículo propone una reflexión sobre el ser humano y sus diferentes relaciones. A tal fin, dentro de los límites de los objetivos formales de este trabajo, hace uso de la teoría de Norbert Elias sobre el tema, una teoría que se expresa principalmente en dos textos: *Acerca de los seres humanos y sus emociones : un ensayo desde la perspectiva de la sociología procesos*, del propio Elías, y *El proceso de civilización y la domesticación del fuego*, del J. Goudsblom. Hacemos aquí un ejercicio de lectura histórica del ser humano, tratando de seguir la metodología propuesta por Goudsblom al destacar que el proceso de civilización se desarrolla en tres niveles. Por lo tanto, este texto también tiene tres partes correspondientes: presentar primero el nivel histórico, destacando, por tanto el fuego y la formación del hombre como ser social que si hizo; la segunda parte se presenta como un estudio de nivel social y el ejemplo de Aristóteles y su reflejo del ser humano como un político y heraldo del proceso civilizador; y la tercera parte, por al fin, ya que el nivel individual de convulsiones, se propone la lectura de Gilberto Freyre, en particular *Casa-Grande y Senzala*, tratando de demostrar que el proceso de civilización no puede ser visto de manera teleológica, utilizando como parámetro el ya famoso término del Freyre el proceso sivilizador que tuvo lugar en Brasil. Fundamentalmente, lo que se busca es llevar a cabo una reflexión que nunca pierde de vista algo muy importante en la educación: el hombre como un ser hecho y qui si hace históricamente.

Palabras clave: Educación; Norbert Elias; proceso de civilización.

INTRODUÇÃO

É sempre um desafio enorme propor uma reflexão acerca do ser humano e suas distintas relações. Para tentar enfrentar tal empresa, nos limites dos objetivos formais do presente trabalho, far-se-á uso da teoria de Norbert Elias sobre o assunto, teoria que é expressa, principalmente, em dois textos: *Sobre seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos* do próprio Elias, e *O processo civilizador e a domesticação do fogo* de J. Goudsblom. Ambos os textos se relacionam diretamente com a obra mais famosa de Elias – *O Processo Civilizador* –, na qual, em linhas gerais, existe a

preocupação em descrever e compreender as mudanças sociais e comportamentais dos homens medievais e modernos, quando se estabelece a sociedade de corte na Europa.

O ser humano é o único animal que, ao romper a escala evolucionária instintiva, começou uma forma de organização social, ecológica e, principalmente, civilizada. Nesse sentido, quando se refere a processo civilizador é sobre o homem que se está refletindo, pois é o único animal que produz história. Marx, ao diferenciar os seres humanos dos outros animais, estabeleceu uma comparação muito interessante: o que distingue o pior marceneiro da melhor aranha, em termos do produto final dos seus trabalhos, é que a aranha tece sua teia, geometricamente quase perfeita, apenas de forma instintiva, já o homem antecipa em sua mente a cadeira que quer fazer e, portanto, pode aperfeiçoar sempre seu produto. O homem, portanto, é o único animal que pode realizar um processo civilizador, seja no nível individual, social e, principalmente, no histórico.

Seguindo a distinção enunciada por Gouldsblom, divide-se o presente texto em três formas de apreensão do processo civilizador, só que em ordem invertida: o nível histórico primeiro, depois o social e, por fim, o individual.

NÍVEL HISTÓRICO: O DOMÍNIO DO FOGO E A INVENÇÃO DO HOMEM

Gouldsblom, em seu texto sobre a relação do homem com o fogo, faz uma interessante discussão do que representou o fogo para o desenvolvimento humano. O autor chega a afirmar que, com o fogo, o hominídeo se transformou em homem, exatamente pelas características próprias do fogo – destrutivo, irreversível, aleatório e autogerado – que exigiram do homem prudência e renúncia de seus instintos primários. O domínio do fogo representou, de fato, o primeiro grande salto qualitativo na curta história da existência humana.

De início, o domínio do fogo se deu na forma de guardar o fogo, ou uma brasa, em algum receptáculo seguro para usá-lo(a) quando fosse necessário iniciar uma nova fogueira. Esse primeiro momento de “relacionamento” ecológico com o fogo já representou um enorme avanço para a socialização dos homens ao possibilitar uma relação menos embrutecida com a natureza, na medida em que a posse do fogo trazia uma relativa independência de clima e local, tirando os homens das cavernas e fazendo-os descender das árvores, além de ser uma segurança maior contra os animais. No entanto, ainda nessa fase, o fogo continuava sendo algo extremamente exterior ao próprio homem.

Num outro período do desenvolvimento humano, talvez mais importante e que proporcionou, de fato, um “salto” qualitativo, houve o domínio da técnica de produzir o fogo. A partir desse momento, os homens se tornaram ainda mais independentes de clima e local, garantindo uma vida mais segura que anteriormente, além de, paulatinamente, utilizarem o fogo para cozimento de alimentos e de barro. A técnica do fabrico do fogo acarretou, também, a necessidade de um aprendizado contínuo por parte de algumas pessoas das tribos visando a garantir a continuidade e o aprimoramento de tal técnica.

O impulso que o fogo deu ao primeiro processo civilizador nesse momento da história da humanidade foi intenso, acarretando um desenvolvimento social muito mais rápido do que anteriormente poderia se ver. O filme *Guerra do Fogo* (1981), dirigido por Jean-Jacques Annaud, é um bom exemplo imagético de como o domínio do processo de fabricar o fogo impulsionou o desenvolvimento nas tribos primitivas. O filme narra a história de uma tribo que vê apagada a brasa que tinha para fazer o fogo, fazendo com que se escolhesse três de seus homens para encontrar novamente o fogo que, naquele momento, já era essencial a eles. O interessante na história é que são mostradas três tribos em estágios de evolução bastante diferenciados: além da tribo protagonista, existe uma mais atrasada que ainda vivia em cavernas e árvores (hominídeos) e outra que já era mais avançada. A tribo (horda) mais atrasada não detinha ainda o domínio do fogo, ainda que o matendo em brasa; a tribo mais avançada, por sua vez, detinha o domínio da técnica de fabrico do fogo (fricção entre dois tipos de madeira) e, por consequência – é isso o que o filme quer mostrar – tem uma vida muito mais civilizada em comparação às outras tribos, sendo que essa civilização se traduzia pelo vasto uso da cerâmica, casas de barro e palha e uma proteção muito maior contra os perigos da natureza.

É de se fazer menção ao momento, ainda no filme, em que os três protagonistas encontram-se com a tribo mais avançada: existe um verdadeiro choque cultural, tamanha a diferença de vida entre aquelas pessoas.

O processo civilizador proporcionado aos homens primitivos pelo fogo é altamente significativo não só pelo aspecto material impulsionando o desenvolvimento, como também pelo aspecto da formação do próprio homem, formação essa que se dá, segundo Elias, de forma processual.

Encontram-se nesse primeiro processo civilizador da humanidade elementos que possibilitam confirmar as hipóteses levantadas por Elias no texto *Sobre seres humanos e suas emoções: um ensaio processual-sociológico*. Em primeiro lugar, o fogo contribuiu enormemente com a ruptura evolucionária que os seres humanos tiveram enquanto espécie;

segundo, com o domínio da técnica do fabrico do fogo, os homens não só *puderam* aprender muito mais como *tiveram* de aprender para garantir a continuidade daquele tipo de vida e o seu conseqüente desenvolvimento, sendo que nesse contexto o conceito de natureza teve de ser re-definido, dada a nova relação que os homens passaram a ter com ela própria ao deixarem de ser tão hostis e inatingíveis em sua racionalidade como antes; finalmente, com o fogo as próprias emoções humanas passaram a se diferenciar ao tornarem-se mais complexas constituindo-se em algo mais a ser aprendido (ELIAS, 2009, p. 29).

Para Elias (2009, p. 37), no texto acima, as “emoções também têm uma função para os seres humanos em suas relações com outros existentes. Amplamente falando, as emoções têm três componentes: um somático, um comportamental e um sensível”. Esses três componentes das emoções humanas, tanto “genéticas” como aprendidas, são encontrados em ritmo acelerado entre os homens após o domínio do fogo, ou, em outras palavras, o fogo teve uma importante contribuição no desenvolvimento desses componentes da emoção humana, colaborando, decisivamente, para a humanização do próprio homem.

O relevante nessa discussão acerca da importância do fogo para o processo civilizador é aprender, com Elias, que não seria possível aos homens o conhecimento do domínio do fogo e muito menos do domínio da técnica de fazê-lo se a espécie humana (mesmo ainda como hominídeos) não fosse dotada de um arcabouço biológico/genético que predispuha, por assim dizer, a possibilidade do aprendizado contínuo que se traduzia numa interação cada vez mais racional com a própria natureza.

A passagem da reação/apreensão instintiva das coisas e a conseqüente adaptação são próprias dos animais que, diferentemente do homem, não realizaram uma ruptura evolucionária. É difícil, senão impossível, imaginar qualquer outro animal dominando o fogo como os homens assim o fizeram. Portanto, o que o ser humano realizou, ou foi obrigado pelas circunstâncias, foi, numa linguagem aristotélica, atualizar constantemente todo o potencial que a própria natureza o dotara. A hipótese de Elias (2009, p. 28) de que o homem, diferentemente dos outros animais, estava equipado biologicamente para poder e dever aprender está enunciada, ainda no citado texto, também numa pergunta bastante instigante: “Porém, como poderiam os seres humanos aprender algo, se eles não fossem por natureza, ou seja, biologicamente, equipados para tanto?”.

Nos chamados tempos primitivos, que segundo algumas periodizações vai desde o domínio do fogo até a invenção do ferro, há momentos singulares que representaram “saltos” qualitativos importantes no processo civilizador. Além do domínio da técnica de fazer o fogo, a domesticação de animais e o cultivo de plantas e, ainda, a descoberta do ferro, são outros

desses momentos marcantes quando as características humanas essenciais podem ser notadas com mais relevo. Todos esses grandes fatos foram resultados do aprendizado de inúmeras gerações tal qual um cabedal que, incorporado na tradição, serviu de base para outros aprendizados e adaptações e, conseqüentemente, para o nascimento de outras emoções.

A descoberta do fogo, a agricultura, a domesticação de animais e a descoberta do ferro impulsionaram o desenvolvimento humano em duas direções: intensivo e extensivo. Goudsblom entende que existiram momentos que foram marcantes na história humana por justamente proporcionarem um incremento rápido nos crescimentos intensivo e extensivo das sociedades humanas. Particularmente com relação à agricultura e à criação de animais, Goudsblom (2000, p. 5) pontua:

Ambos os crescimentos foram mais acelerados com a emergência da agricultura e criação animal, a cerca de 10.000 anos (ou 300/400 gerações) atrás. Podemos realmente dizer que esta foi a segunda grande transformação ecológica advinda dos humanos, e que mais uma vez a humanidade encetou um novo estágio de sua história. Houve, ainda, marcantes continuidades.

Outro dado muito significativo para se discutir o aspecto histórico do processo civilizador, que encontra momentos privilegiados como os descritos até aqui, é levantado com propriedade por Goudsblom, ainda, quando ele discute o que significou o fogo para o desenvolvimento dos seres humanos. Trata-se de entender esses grandes momentos que serviram de alavanca para o progresso como fenômenos essencialmente culturais, pois “não houve instinto direcionando as pessoas, especificamente para cuidar do fogo; foi uma mutação cultural, requerendo um processo civilizador” (GOUDSBLOM, 2000, p. 5). Esse aspecto, aparentemente contraditório com as hipóteses de Elias, é deveras instigador e auxilia na reflexão de questões aqui tratadas.

A contradição é apenas aparente, na medida em que o elemento cultural, ou a mutação cultural em Goudsblom é justamente o aspecto social realçado por Elias, pois o uso cultural do fogo, de animais, da terra e de utensílios de ferro só foi possibilitado pelo arcabouço biológico/genético que o ser humano dispunha. É consoante essa discussão que se pode entender a afirmação de Elias (2009, p. 25) de que em “contrariamente a todas as sociedades animais, as sociedades humanas podem mudar sem alterações daquilo que as forma. Podem passar por desenvolvimento ou ter, como dizemos, uma história sem qualquer mudança em sua composição genética”.

Os seres humanos, portanto, tiveram predisposições biológicas para se tornarem seres sociais, seres produtores de cultura, enfim, seres civilizados. O próprio aprendizado constante e emocional que o homem passou a ter serviu para que ele compreendesse, ao longo

de sua curta existência na história do universo, as suas próprias possibilidades biológicas e genômicas.

NÍVEL SOCIAL: ARISTÓTELES, O ANIMAL SOCIAL E O PROCESSO CIVILIZADOR

Uma das qualidades dos seres humanos quando apreendem ou descobrem novas técnicas ou novas formas de se organizar para facilitar sua vida é a forma como passam a refletir sobre isso, em que o passado passa a ser visto, geralmente, como algo com o qual se deveria aprender. O passado, traduzido por formas de organização, técnicas utilizadas, ideais consolidados ou revisados, passa a ser um “grande livro” no qual existem impressos na tradição lições a serem guardadas, perseguidas ou mesmo repelidas. Esse processo, natural ao homem como ser social, teve na antiguidade exemplos interessantes, sendo que as primeiras reflexões que objetivavam discutir essas questões se traduziam pela dicotomia civilizado x bárbaro.

As epopeias homéricas e as tragédias esquinianas, por exemplo, expressam na Grécia arcaica a necessidade colocada pelos homens de avaliar o passado como algo que deveria servir de aprendizado para repelir o que afrontava a vida civilizada e decantar novos valores. A tragédia *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, apresenta justamente uma reflexão sobre a liberdade humana frente a uma sociedade gentílica a partir dos benefícios que o fogo trouxe aos homens: ao roubar o fogo da forja de Hefesto dando-o de presente aos homens, Prometeu – o criador dos homens – forneceu aos mortais a invenção de inúmeras artes trazendo o desenvolvimento tanto material quanto intelectual. No entanto, é em Aristóteles que se encontra, talvez pela primeira vez, uma reflexão sistemática sobre a concepção de homem e de civilização entre os gregos.

Em *Política*, o preceptor de Alexandre enuncia uma concepção que se tornou clássica a respeito da convivência social entre os homens, delimitada, política e geograficamente pela *polis* grega: “Estas considerações deixam claro que a cidade é uma criação natural, e que o homem é por natureza um animal social, e um homem que, por natureza, não fizesse parte de cidade alguma seria desprezível ou estaria acima da humanidade” (ARISTÓTELES, 1998, p. 15) e, mais adiante: “e um homem incapaz de integrar-se numa comunidade, ou que seja auto-suficiente a ponto de não ter necessidade de fazê-lo, não é parte de uma cidade, por ser um animal selvagem ou um deus” (Idem, p. 16).

A preocupação de Aristóteles com a definição dos papéis sociais na vida política grega, encontrada já no início da *Política*, revela que essa questão estava na pauta do dia das reflexões no Liceu. Mas, qual a motivação para que essa questão se tornasse ponto de reflexão? Seguramente era o processo de crise pela qual passava aquela sociedade, particularmente a cidade de Atenas que era sinônimo de civilização entre os gregos.

No processo de crise de uma determinada relação social, no caso a grega da época das *polis*, é comum se refletir sobre os acertos e erros que aquela sociedade possibilitava aos homens, reavaliando valores, questionando o que está estabelecido, reafirmando certos fundamentos, etc. No século IV a.C., período em que Aristóteles escreve, as relações sociais básicas daquela formação social estavam sendo amplamente discutidas, tanto que o conceito de autoridade, tão caro aos gregos do século anterior e ao próprio Estagirita, era questionado de diversas formas. Apenas para citar um exemplo interessante desse clima ainda no final do século V a.C., tem-se a comédia *As Nuvens* de Aristófanes, na qual o conceito de autoridade do pai fora ridicularizada criticamente: ao final da peça, o filho, que era um desocupado – não ocioso no sentido grego – e jogador inveterado, dá uma surra no pai – um simples agricultor de posses – e ainda o convence de que a surra teria sido justa. Lembre-se que na democracia ateniense somente os homens adultos eram considerados cidadãos com todos os direitos que esse *status* oferecia.

O clima de indefinição social, próprio dos períodos de crise, grosso modo, é o pano de fundo no qual Aristóteles, ao escrever sua obra política, se posiciona a respeito das questões latentes naquele momento. Poder-se-ia arriscar uma interpretação do posicionamento de Aristóteles como sendo a favor da continuidade do processo civilizador entre os gregos, sendo que identifica como responsável por esse processo os fundamentos da relação social ateniense. Nesse sentido, o *homem como animal político* é o homem grego, pois somente ele cultiva politicamente a liberdade amparada numa relação social em que a autoridade do pai, do marido e do senhor era a base social. Portanto, a definição de homem em Aristóteles leva em consideração o homem civilizado em oposição ao homem bárbaro que não cultiva a liberdade e, portanto, não tem uma atividade política.

Civilização e barbárie são duas direções possíveis determinadas pela prática social dos homens. Elas se apresentam como duas faces da mesma moeda, na medida em que os homens podem praticar tanto a monarquia como a tirania, tanto a democracia como a oligarquia, tanto o governo constitucional como a aristocracia. O destino que os homens estavam traçando para si no período tratado era, na visão do reitor do Liceu, formas políticas que se aproximavam muito mais da barbárie do que da civilização. Assim, é contra essa

tendência que Aristóteles se insurge apontando, conservadoramente, que as condições para que o homem continue sendo um animal social e não correr o risco de voltar a ser um animal bárbaro é o retorno dos princípios que nortearam a construção daquela sociedade.

Aristóteles não tem uma concepção meramente positiva do processo de civilização, no entanto, enxerga nele a possibilidade da continuação dos desenvolvimentos social e político. Não há, pelo menos em *Política*, uma concepção valorativa da civilização como sendo substancialmente boa aos homens. O que ocorre é que em meio a uma sociedade civilizada, os homens têm condições de se realizarem como homens e também têm condições de atualizarem toda a potencialidade de que a natureza os dotou, pois, só numa sociedade assim constituída é possível manter a liberdade como um valor humano acima das disputas normais pela condução da sociedade.

Nível Individual: o processo civilizador e o processo sifilizador

Das várias questões que se poderia explorar mais, inspiradas pelos itens anteriores, apresenta-se uma que parece particularmente pertinente quando se está tentando entender um pouco melhor a teoria de Elias sobre o processo civilizador, bem como da teoria dos três níveis de Goudsblom: chama-se genericamente de não atribuição de um juízo de valor intrínseco ao desenvolvimento do processo civilizador.

Na introdução do primeiro volume de *O Processo Civilizador*, Elias, ao expor a intenção do seu livro e sua visão de história, justificando a necessidade da investigação sobre os processos civilizatórios, chama a atenção de que sua análise não se pauta por uma identificação valorativa a respeito da civilização. Não é sua preocupação julgar o passado por aquilo que não foi nem elevar o conceito de civilizado como critério de avaliação de diferentes sociedades. Diferentemente de Aristóteles, por exemplo, Elias parece que não vê, necessariamente, a civilização como um caminho essencial para a humanidade, até porque civilização pode significar, às vezes, mais opressão, mais subjugação, etc.:

Não obstante, as questões colocadas por este livro têm origem não tanto na tradição erudita, no sentido mais estrito da palavra, como nas experiências a cuja sombra todos vivemos, experiências das crises e transformações da civilização ocidental até agora, e na simples necessidade de compreender o que realmente significa essa “civilização”. Mas não fui orientado neste estudo pela idéia de que nosso modo civilizado de comportamento é o mais avançado de todos os humanamente possíveis, nem pela opinião de que a “civilização” é a pior forma de vida e que está condenada ao desaparecimento. Tudo o que se pode dizer hoje é que, com a civilização gradual, surge certo número de dificuldades específicas civilizacionais. Mas não podemos dizer que já compreendemos por que concretamente nos

atormentamos desta maneira. Sentimos que nos metemos, através da civilização, em certos emaranhados desconhecidos de povos menos civilizados. Mas sabemos também que esses povos menos civilizados são, por seu lado, atormentados por dificuldades e medos dos quais não mais sofremos, ou pelo menos, não no mesmo grau. Talvez tudo isso possa ser visto com um pouco mais de clareza se for compreendido como realmente operam esses processos civilizadores. De qualquer modo, foi este um dos desejos com que comecei a trabalhar neste livro. É possível que, com uma compreensão mais clara deles, possamos, algum dia, tornar acessíveis a um controle mais consciente esses processos que hoje ocorrem em nós e a nossa volta de uma forma não muito diferente dos fenômenos naturais, processos que enfrentamos da mesma maneira que o homem medieval enfrentava as forças da natureza. (ELIAS, 1994, p. 18-19)

Essa noção é reforçada, de certa maneira, por Goudsblom quando, ao refletir sobre a história das sociedades agrárias, afirma que o “o processo civilizador procedeu de modos deferentes – primeiramente, em sociedades em várias partes do mundo; e segundo – mas não menos importante –, entre diferentes estratos sociais em cada uma destas sociedades” (2000, p. 6).

Para exemplificar essa questão no nível individual do processo civilizador – se bem que é sempre muito difícil separar o individual do social –, toma-se o escritor brasileiro Gilberto Freyre que, em seu famoso livro *Casa-Grande & Senzala*, faz um trocadilho interessante com a palavra civilização.

Antes, porém, crê-se ser necessário sublinhar um elemento genérico da leitura de Freyre, no intuito de bem delimitar o uso que se faz de suas ideias aqui. Metodologicamente, Freyre se interessa não em discutir os aspectos econômicos e políticos da colonização, mas sim os aspectos sociais, ou, mais precisamente os aspectos sociológico e cultural. Nesse sentido, apesar de fazer referências ao político e econômico, são as características sociais ou sociológicas que são mais aprofundadas pelo autor para esquadrihar uma cultura brasileira, uma identidade nacional. É nesse sentido, portanto, que o uso de Freyre é concebido, deslocando para um possível outro momento, o fazer uma análise crítica, como muitos já o fizeram, da efetiva ou não contribuição de seu pensamento para o desvelamento da cultura brasileira.

No primeiro capítulo, voltando ao objeto do texto, Freyre faz uma análise extensa e genérica da formação cultural do povo brasileiro, basicamente das relações que se estabelecem entre os brancos portugueses e os escravos, ou mais propriamente, entre os homens brancos e as escravas. Dentre os vários aspectos ressaltados, um sempre chama a atenção pelo interessante trocadilho: “Costuma-se dizer que a civilização e a sifilização andam juntas: o Brasil, no entanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado” (1980,

p. 47). Essa reflexão se tornou, sem dúvida, uma importante contribuição do autor aos estudos sobre cultura e sociedade brasileiras.

O encontro entre culturas diferentes, a imposição de comportamentos, a fúria sexual de viajantes, os aventureiros, os colonos, os índios, os negros, tudo isso numa relação desigual, trouxe para o Brasil, particularmente, a difusão incalculável da doença venérea mais perigosa antes da aids. A sífilis, doença, por excelência, tanto da Casa-Grande como da Senzala, foi, por outro lado, marca de orgulho que inúmeros jovens brancos carregavam para tornar público que eram viris, que já haviam deixado de lado brincadeiras de criança: “Ridicularizado por não conhecer mulher e levado na troça por não ter marca de sífilis no corpo. A marca da sífilis, notou Martius, que o brasileiro a ostentava com quem ostentasse uma ferida de guerra...” (FREYRE, 1980, p. 47).

A sífilis se tornou uma marca registrada do processo civilizador no Brasil, fazendo parte, em determinado momento histórico, da própria cultura brasileira. Mas, como entender, do ponto de vista metodológico, essa marca cultural como fazendo parte de um processo civilizador? Pode-se admitir que o conceito de civilização englobe tal manifestação máscula de ignorância? As respostas para essas questões parecem ser afirmativas. Se se levar em conta a compreensão de Elias acerca da não valoração do processo civilizador, é inegável a contribuição de Freyre ao juntar numa mesma moeda lados aparentemente tão díspares. O processo civilizador brasileiro, assim como o europeu dos séculos XIV ao XVIII, não segue uma linha retilínea em que os chamados comportamentos bárbaros vão deixando de existir naturalmente. Os comportamentos individuais vão sofrendo mudanças por imposição do social, sendo resultantes muitas vezes de novas técnicas e descobrimentos científicos ou mesmo de mudanças na orientação política.

Os comportamentos individuais e sociais, reveladores do processo civilizador, permitem entender os valores culturais que uma determinada sociedade cultiva mesmo que esses valores não representem, aos olhos do início do século XXI, um degrau a mais em termos civilizacionais. Nesse sentido, o troféu juvenil e mesmo adulto da sífilis que os homens cultivavam no Brasil, no século XIX, é revelador de um comportamento individual cujo incentivo social de outras gerações foi marcante nas próprias relações entre as classes sociais. Os sinais biológicos visíveis da sífilis eram como que marcas de identificação de indivíduos antenados com o seu tempo e sua função social, portanto, eram marcas valorativas dos varões que fizeram este país.

O comportamento individual, próprio de uma ou mais gerações, não tem explicação nele mesmo, ou seja, um determinado comportamento, quando se generaliza na sociedade, é

explicado justamente pelos fundamentos sociais, econômicos e culturais da própria sociedade. Esse aspecto é ressaltado, inúmeras vezes, pelo próprio Freyre, particularmente quando procura se opor a um determinado preconceito existente na consciência coletiva dos brasileiros de responsabilizar os negros, com sua cultura não cristã, pelo excesso de sensualidade:

É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio, mas do sistema social e econômico em que funcionaram passiva e mecanicamente. Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime. Em primeiro lugar, o próprio interesse econômico favorece a depravação, criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior número de crias. (FREYRE, 1980, p. 316).

Não importa aqui, como já foi assinalado, tentar esboçar uma análise crítica do processo sifilizador no Brasil, pois não é cabível aos objetivos do presente trabalho. O importante foi tomar esse trocadilho de Gilberto Freyre para procurar exemplificar um tipo de comportamento individual, a princípio digno de bárbaros, como expressão de uma necessidade social que revelava uma face do processo civilizador no Brasil. Com Elias se pode aprender que mais do que julgar o passado pelo crivo do presente – e assim atribuir um valor essencial permanente –, importa conhecer a história da nossa sociedade, buscando entender como se deu o seu processo civilizador. Na introdução à edição inglesa de 1968, escreve Elias (1994, p. 225-226):

O objetivo não é atacar outros ideais em nome dos ideais que temos, mas procurar compreender melhor a estrutura desses processos em si e emancipar o arcabouço teórico da pesquisa sociológica da primazia de ideais e doutrinas sociais. Isto porque só poderemos reunir conhecimentos sociológicos adequados o suficiente para serem usados na solução dos agudos problemas da sociedade se, quando equacionamos e resolvemos problemas sociológicos, deixamos de subordinar a investigação do que é a idéias preconcebidas a respeito do que as soluções devem ser.

A teoria de Norbert Elias pode servir de método histórico-sociológico para se estudar inúmeras questões, tanto do passado quanto do presente. O processo civilizador pode ser apreendido em diferentes níveis da realidade humana, pois a sociedade avança ou regride em suas inúmeras instituições. A teoria de Elias sobre o processo civilizador é atual na medida exata da compreensão de que o homem se faz historicamente.

CONCLUINDO...

A teoria dos três níveis concebidos por Goudsblom para se falar em processo civilizador mostra-se bastante didática em sua função metodológica, pois permite – assim

como permitiu aqui – ensaiar uma compreensão do ser humano como elemento principal da civilização de variadas formas.

Desde a implicação do domínio da técnica de fazer o fogo para o desenvolvimento humano ou para a humanização do próprio homem, passando por uma rápida análise da compreensão de homem e civilização em Aristóteles – a primeira reflexão sistemática sobre esse tema –, finalizando com a proposta de um exemplo de como analisar de forma não pré-conceituosa o processo civilizador no Brasil, o trabalho se propôs como uma tentativa de entender e aplicar, parcialmente, é claro, uma forma de compreensão do passado e do presente que se mostra cada vez mais pertinente.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1988.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994, vol. 1.

ELIAS, N. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, A.; WOUTERS, C. *O controle das emoções*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. RJ/Brasília: José Olympio/INL-MEC, 1980.

GOUDSBLOM, J. *O processo civilizador e a domesticação do fogo*. Texto digitado. Tradução de Ademir Gebara, 2000.